

Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Mensagem aos Sacerdotes

O Papa S. João Paulo II dedicou esta Solenidade do Sagrado Coração de Jesus à santificação dos sacerdotes. Reveste-se do apelo a todo o Povo de Deus para que tenha presente na sua oração e nos seus sacrifícios esta intenção mas é igualmente um convite a todos os sacerdotes para progredirem nos caminhos da santidade.

Esta Solenidade convida-nos a contemplar o Coração amoroso de Jesus Cristo, a aceitar o convite para entrar nEle, saborearmos a beleza, a ternura, a misericórdia e a bondade que nos atrai e nos enche de alegria, mas igualmente, na nossa condição de Pastores à imagem do Bom Pastor, caminharmos decididamente nas sendas da santidade como o chamamento mais universal mas também mais profundo da nossa existência como sacerdotes.

Neste sentido, esta Solenidade é também ocasião para rezarmos pela santificação dos sacerdotes e de nos questionarmos sobre a nossa missão pastoral quanto às prioridades, ao testemunho de comunhão e de alegria, à coragem para enfrentar as dificuldades e ao discernimento e criatividade que hoje se exigem para realizar a missão pastoral nas circunstâncias actuais do mundo e da Igreja.

Eis uma exigência que cada um de nós deveria colocar na sua vida pessoal e ministerial. Estou a referir-me ao itinerário que conduz à santidade. Sim, a santidade obedece a um itinerário porque tem finalidades, exige meios, busca conteúdos e exprime-se por relação com Deus e com os irmãos.

Como em todos os âmbitos da experiência cristã, só quem faz um verdadeiro caminho de santidade pode acompanhar outros neste mesmo caminho.

Daí que a primeira exigência seja a vivência concreta, fiel e coerente da sua própria vocação e missão. Ser sacerdote deve ser um itinerário de santidade.

Como afirma o Papa Francisco, «todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra» (GE, 14).

Daí sermos desafiados por uma condição indispensável para caminharmos na santidade, a comunhão presbiteral e a comunhão com o Povo de Deus que nos está confiado.

Esta comunhão deve despertar uma sintonia com o outro que nos leve a sentir o mesmo que nos é referido no Evangelho quando, referindo-se a Jesus Cristo, diz: «alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida» (Lc. 15,6).

Experimentando os mesmos sentimentos de Jesus somos conduzidos a viver pessoal e ministerialmente a alegria de quem se sente perdoado e que dá prioridade a quem está afastado. Assim o refere o Evangelho: «haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos, que não precisam de arrependimento» (Lc. 15, 7).

A fidelidade e a comunhão exigem de nós o sentido de justiça, do bem do outro e da partilha.

O desprendimento, característica essencial do sacerdote, terá de merecer uma vigilância permanente para que a santidade não seja idealizada e desencarnada.

A verdadeira santidade penetra a existência concreta de cada um, interliga com a comunidade e integra todos os aspectos da vida pessoal e da missão.

De facto, como afirma o Papa Francisco, «para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade, porque “esta é, na verdade, a vontade de Deus: a [nossa] santificação” (1 Ts 4, 3)» (GE, 19).

Aliás, «cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho» (GE, 19).

Reconhecemos, sem dúvida, que neste quotidiano, no qual exercemos a comunhão, a justiça, a partilha, somos testemunhas do

amor de Deus e nos desprendemos de nós e dos bens para melhor saborear a riqueza que se experimenta na pobreza, na simplicidade e na humildade, unimo-nos a Cristo na oração, nos sacramentos e na ascese.

Deste modo, refere o Santo Padre, «também tu precisas de conceber a totalidade da tua vida como uma missão» (GE, 23).

Na realidade, «tenta fazê-lo, escutando a Deus na oração e identificando os sinais que Ele te dá» (GE, 23). Mais ainda, «pede sempre, ao Espírito Santo, o que espera Jesus de ti em cada momento da tua vida e em cada opção que tenhas de tomar, para discernir o lugar que isso ocupa na tua missão» (GE, 23). E, em síntese, «permite-Lhe plasmar em ti aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje» (GE, 23).

S. Paulo, dirigindo-se á comunidade de Roma, afirma que «o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rom. 5,5). Daí que somos convidados a sermos pessoas que encontram no amor derramado em nós pelo Espírito Santo a alegria e o sentido pleno para a missão pastoral.

Não somos á maneira do mundo, por isso, não nos conformamos com o mundo. Renovados no amor de Jesus Cristo traduzimo-lo nos gestos concretos da nossa missão sacerdotal.

Refere o Papa Francisco, numa síntese muito bem feita, «não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço» (GE, 26).

Na verdade, «tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, entrando a fazer parte do caminho de santificação» (GE, 26).

Aliás, «somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão» (GE, 26).

Este é o dia dedicado a contemplarmos o amor infinito de Jesus Cristo por cada um de nós que nos interpela.

Daí que «não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça» (GE, 34).

Verdadeiramente, o Concílio Vaticano II apresentou a santidade como a primeira e universal vocação de todos os batizados.

«Esta santidade da Igreja, refere o texto conciliar, incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos» (LG, 39).

Se ela deve merecer o cuidado de todos os fiéis batizados, mais zelo e dedicação deve despertar na vida do sacerdote. Este é dinamizador de carismas e ministérios, desperta e orienta o chamamento e testemunha em si mesmo a santidade divina.

Oxalá, «os presbíteros, à semelhança da ordem dos Bispos, de que são a coroa espiritual, já que participam das suas funções por graça de Cristo, eterno e único mediador, cresçam no amor de Deus e do próximo com o exercício do seu dever quotidiano; guardem o vínculo da unidade sacerdotal, abundem em toda a espécie de bens espirituais e dêem a todos vivo testemunho de Deus, tornando-se êmulos daqueles sacerdotes que no decorrer dos séculos, em serviço muitas vezes humilde e escondido, nos deixaram magnífico exemplo de santidade» (LG, 41).

Por último, reconhecemos que a nova evangelização que nos interpela exige fiéis batizados, mas sobretudo sacerdotes, verdadeiramente imersos em Cristo, peregrinos nas sendas da santidade e reflexo do amor de Deus pelos Seus Filhos.

Por isso, refere o Papa S. João Paulo II, a propósito da evangelização na Europa: «são decisivas a presença e os sinais da santidade: *esta é pressuposto essencial para uma autêntica evangelização, capaz de devolver a esperança*» (EE, 49).

De facto, «precisa-se de testemunhos fortes, pessoais e comunitários, de vida nova em Cristo. É que não basta oferecer a verdade e a graça através da proclamação da Palavra e da celebração dos Sacramentos; é necessário acolhê-las e vivê-las em cada circunstância concreta, no modo de ser dos cristãos e das comunidades eclesiais» (EE, 49).

Caros sacerdotes, não nos cansemos de caminhar pelas sendas da santidade.

Imploro de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos sacerdotes, de S. Bartolomeu dos Mártires, S. Teotónio e S. Paulo VI, que nos acompanhem e nos estimulem no caminho da santificação pessoal e do Povo de Deus que nos está confiado.

Viana do Castelo, 24 de Junho de 2022

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo

Coração de Pastor

Oração

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,
livre do afã do prestígio, mas com o ardor do serviço,
que não se impõe, mas se dispõe a anunciar
o desígnio de salvação do Pai e a proclamar o teu Evangelho.

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,
que se alimenta quotidianamente da Eucaristia
e a todos oferece a tua Palavra e o teu Corpo,
tornando presente a tua entrega de amor até ao fim.

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,

que sofre com as angústias e dores da sua comunidade,
procurando defender cada vida, proteger a inocência das crianças,
zelar pela dignidade e direitos dos mais frágeis e esquecidos.

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,
que aponte caminhos de libertação, de pacificação e de crescimento,
infunda em todos a esperança e o desejo da santidade
e desafie os jovens para grandes causas e ideais.

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,
que una e reúna em presbitério para tornar visível a tua presença
e com a força suave do Espírito
dê testemunho de um ministério fiel, fiável e feliz.

Dá, Senhor, aos nossos padres um coração de pastor,
rico de sabedoria e de humanidade,
semelhante ao teu coração de Bom Pastor, ao de José e ao de Maria,
tua Mãe e nossa Mãe, Mãe da Igreja e Rainha da Paz. Ámen!